

A LEITURA LITERÁRIA COMO ABRIGO SEGURO: UMA ABORDAGEM DA OBRA *O APANHADOR DE ACALANTOS*

MARQUES, Maria Aparecida Tavares¹
INÁCIO, Francilda Araújo²
FORMIGA, Girlene Marques³
FERNANDO, Amanda Samila Vieira⁴

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar uma proposta de mediação leitora em contexto de migração e refúgio, por meio da obra *O apanhador de Acalantos*, de Beatriz Pereira Rodrigues, ilustrada por Gabriela Martins Peixoto. Com muita sensibilidade, o livro retrata temas intrinsecamente relacionados à situação migratória, dentre os quais destacam-se o luto pela família, pela terra e pela cultura. Em meio à proposta de mediação de leitura proposta, este artigo ainda discute a função do mediador de leitura em contextos de crise, observando um cenário no qual se destaca como elo entre o leitor e o texto/obra literária, sendo o responsável pelo contato mais próximo com a matéria literária e por incentivar o leitor a envolver-se o mais possível com a leitura. Do ponto de vista metodológico, o presente estudo constitui-se de natureza descritivo-qualitativa, para cuja realização valemo-nos de estudos de Petit (2013, 2009, 2002), Candido (1995), Colomer (2007), Rouxel (2012) e Inácio e Formiga (2021). Sem a pretensão de apresentar-se como fórmula única e pronta que dê conta de trabalhos com texto literário em contextos de migração e refúgio, este estudo propõe-se a contribuir com novas discussões acerca de práticas metodológicas com textos literários em contextos difíceis.

Palavras-chave: Mediação leitora, Literatura infantil e juvenil, Acolhimento, Migração e Refúgio.

INTRODUÇÃO

A antropóloga e pesquisadora Michele Petit, coordenadora de um programa internacional sobre Leitura em espaços de crise, que contempla situações de guerra, de violência social, crises econômicas e migrações, em sua obra *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, observa que “a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos” (PETIT, 2013, p. 31), propondo um olhar destinado à elaboração “espaços de liberdade”, capazes de possibilitar a jovens leitores a ressignificação de suas existências, permitindo-lhes, via simbolizações, visualizar novos horizontes diante de situações de vida impostas por adversidades. Nesse mesmo diapasão, ainda

1 aparecidaartevida@gmail.com, Mestre em Educação (UEPB), Professora da Escola pública (SEDUC-CG/PB), Graduada em Letras Português, IFPB.

2 araujo.francilda@gmail.com, Doutora em Letras e Linguística, IFPB.

3 gformiga@uol.com.br, Doutora em Letras, Professora titular do IFPB.

4 amanda.samilavieira30@gmail.com. Licenciada em Letras Português, IFPB

Pétit (2009, p. 127) assim se manifesta:

Em contextos de crise, individual ou coletiva, quem analisou os fatores que trabalham para a reconstrução do indivíduo sublinhou a importância de dois elementos: a qualidade do contato com os outros e a possibilidade tanto de tecer uma narração a partir de experiências descosturadas, dando-lhes sentido, coerência, quanto de esprimir suas emoções diferentemente e compartilhá-las. Como afirma Alejandro Rojas-Urrego (...): “\sempre haverá, é claro, momentos vividos que permanecerão sem tradução possível, mas a tentativa de formar uma história com eles, de vê-los não como uma sequência de destroços, mas como um testemunho capaz de atribuir a esses destroços um sentido é certamente, em tais condições, a única alternativa possível, a única abertura para a vida”.

A inserção de Antonio Candido nessa discussão parece-nos pertinente, sobretudo se considerarmos suas observações acerca do fato de ser a literatura uma necessidade básica do ser humano. Além de um direito, o estudioso pontua ainda que “não há povo e não há homem que possam viver sem ela (a Literatura), isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 1995, p. 242).

Referenciando ainda Candido, lembramos que o universo da fabulação nos acessa à possibilidade de elaborações simbólicas capazes de mexer com nossas emoções e sentimentos a ponto de nos levar a problematizar e ressignificar nossas realidades. É por acreditar na capacidade de promoção do texto literário para o despertar da interioridade, um espaço de criação e reconstrução de sentidos que nos propomos a refletir sobre a validade da abordagem literária em contextos difíceis, a exemplo de contextos de migratórios.

Assim, apresentamos uma proposta de leitura literária do livro *O apanhador de acalantos*, de Beatriz Pereira Rodrigues, voltada a pessoas em situação de migração e refúgio⁵. Essa obra retrata, com muita sensibilidade, temas como o luto pela família, luto pela terra e pela cultura, os quais se encontram intrinsecamente relacionados à situação migratória.

De forma complementar, discutimos ainda o crucial papel do mediador de leitura em contextos difíceis, em que esse agente se apresenta como ponte entre o leitor e o texto literário, possibilitando o contato mais próximo com a matéria literária e instigando o leitor a envolver-se mais ativamente com a leitura. Uma maneira de estabelecer esse vínculo entre leitor e texto é por meio da expressão da subjetividade, uma vez que é “pelo vínculo estabelecido entre o

⁵ A abordagem aqui descrita diz respeito a uma intervenção de leitura literária apresentada como atividade prática da Oficina “ACOLHE(LENDO): a mediação leitora em contextos de migração e refúgio”, ofertada a estudantes do Curso de Licenciatura em Letras do IFPB, ministrada virtualmente, no ano de 2021, pelas coautoras deste artigo. Esclarece-se, por fim, que essa oficina constitui-se atividade de projeto de pesquisa PIBIC-EAD oriundo de Edital ofertado pelo IFPB, do qual participa um grupo de docentes e estudantes da Instituição.

universo da obra e o universo do leitor que o ato de ler ganha sentido e se inscreve na vida do sujeito, conforme defende Rouxel (2012, p. 281).

Metodologicamente, este estudo constitui-se de natureza descritivo-qualitativa, para cuja realização ancoramo-nos, especialmente em estudos de de Petit (2013, 2009, 2002), Candido (1995), Colomer (2007), Rouxel (2012) e Inácio e Formiga (2021).

Isto posto, seguimos um percurso metodológico que se inicia com reflexões acerca do tema mediação e mediadores de leitura em contextos de crise para, em seguida, descrever uma proposta de abordagem de texto literário em tais contextos, mais especificamente em situações de refúgio e migração.

1 - Mediação e mediadores de leitura em contextos de crise

No contexto específico da mediação de leitura, o mediador⁶ assume uma missão central: a inclusão dos leitores com hospitalidade nos processos leitores. Sua atuação deve possibilitar aos participantes da prática leitora a liberdade de expressão das imagens, reminiscências, emoções, evitando impor interpretações e monopólio da fala, sem atropelar suas falas e intervenções. Compete-lhe, por fim, desenvolver a capacidade de vê-los como o são, sem julgamentos e preconceitos, sem impor-lhes pensamento único, nem forçar-lhes uma integração que implique a imposição de uma outra cultura e padrões identitários em detrimento da sua. Sua busca deve ser sempre a de converter a leitura, em situações difíceis, numa experiência envolta de acolhimento e significativa para todos.

Nessa perspectiva, a construção dialógica baseada no respeito mútuo no processo de mediação leitora faz-se essencial. Oportunamente, inserimos na discussão algumas observações levantadas por Inácio e Formiga (2021) acerca da abordagem do texto literário em contextos de migração e refúgio, quando a articulam com princípios da educação emancipatória preconizados por Paulo Freire ao longo de toda a sua grandiosa obra, mas mais especificamente em *Pedagogia do oprimido* (1970) e *Pedagogia da autonomia* (2011).

As reflexões constantes do artigo acima mencionado nos levam ainda ao pensamento freiriano que aponta para uma necessária formação docente que reconheça a relevância das

⁶ O conceito de mediador de leitura aqui considerado extrapola o âmbito da figura do professor, educador profissional, agente voltado para o ensino formal, contemplando principalmente aquele agente que, embora não comprometido com um sistema formal de ensino, articula-se com missões sociais relevantes, como, por exemplo, a inclusão social de pessoas em vulnerabilidade social.

diferenças e das semelhanças culturais entre as pessoas. Este reconhecimento traduz-se como um marco para o diálogo sobre preconceitos e desrespeito ao outro e àquilo que este pensa diferente do que pensamos, tudo isto com vistas à elaboração de novos conceitos capazes de reconhecer as diversas e múltiplas formas de percebermos o mundo.

Ancorado na perspectiva freireana de que a leitura se insere de forma indelével num processo de construção coletiva do conhecimento como um vetor para a conquista de autonomia e de um espaço para o seu exercício, o estudo de Inácio e Formiga (2021) encontra elos entre esse pressuposto de Freire e práticas metodológicas de leitura voltadas a pessoas em situação de crise, mais especificamente àquelas que se deslocam em busca de refúgio, acolhimento e condições de (sobre)vivência.

O trecho seguinte pontua a interrelação entre concepções freireanas fundadas no respeito à relação dialógica entre os sujeitos, à construção coletiva do conhecimento, à emancipação através do conhecimento e de ações de leitura, em que o objeto literário é fonte de promoção de abrigo e acolhimento:

A literatura diminui a distância entre nós e a estranheza que o mundo nos provoca; ela é instrumento de encontro e acolhimento entre as pessoas (...). Articular tais ideias ao legado teórico de Paulo Freire é natural e até inevitável, se considerarmos o alto grau de humanidade constante de sua obra. A comunhão, a partilha e o crescimento coletivo de todos em prol da autonomia resumem, em linhas gerais, a nossa tentativa de falar sobre leitura literária em articulação com Freire, por entendermos que ambos se encontram dialeticamente, guardadas as devidas especificidades, no sentido de nos alçar a nossa humanidade. (INÁCIO; FORMIGA, 2021, p. 301).

Um desafio como este requer, evidentemente, o comprometimento do mediador de leitura, a preparação para um trabalho que exige sensibilidade e a devida escuta à dimensão subjetiva dos envolvidos, de modo a criar um espaço hospitaleiro, onde todos se sintam acolhidos. Esse perfil encontra-se identificado nas palavras a seguir, constantes do documento –“La fuerza de las palabras - Protocolo para una intervención cultural em situaciones de emergência”, (2018, p. 70):

Un mediador no solo es lector de libros; también lo es de personas. Esta sensibilidad, empatía, capacidad para entender de manera particular quiénes son aquellos con quienes se relaciona es fundamental para escoger qué palabras entregar y cómo hacerlo. Leer la realidad del otro, su estado de ánimo, el momento en que se encuentra, saber qué le interesa, qué lo agobia, conocer algo acerca de su trayectoria o experiencia con la palabra oral y escrita ayuda a ser más asertivo en el tipo de mediaciones que se diseñen(...). Un mediador no es un robot que narra o lee o conversa; es un ser humano cuyo corazón palpita, que se afecta, se conmueve y se transforma compartiendo palabras con otros.



Complementarmente, convém pontuar que esse trabalho com a literatura em contextos difíceis certamente requer entrega do mediador, sobretudo no campo emocional e afetivo, para além do aparato intelectual: ele precisa lançar mão de recursos capazes de para criar um clima de acolhimento e de motivação para pessoas que se veem em situação de vulnerabilidade, de modo a impingir-lhes confiança diante da possível reconstruções de sua realidade. Com efeito, tais características vão ao encontro daquilo que define um mediador de leitura mexicano no trecho a seguir:

Ser mediador es compartir una pasión, tender puentes, ser enlace, acompañar, facilitar, generar situaciones, disfrutar el estar con otros, aprender de los otros, observar y escuchar, crear posibilidades para formarse como lector, amar a la gente, posibilitar el intercambio de experiencias y saberes, crear a partir de la lectura, aprender y construir con otros, leernos y vernos, abrir las posibilidades para reinterpretar el mundo. (Mediadores de México, producción colectiva, audio, 2018).

Por fim, mais uma vez recorremos a Michele Petit, quando aponta que, em situação de crise, a leitura literária constitui-se um abrigo, um espaço de acolhida para a reflexão e reconstrução da identidade, recuperação de algo perdido e enfrentamento do novo. Dentre as muitas afirmações que faz nesse sentido, destacamos a seguinte:

La literatura en particular, en todas sus formas (mitos y leyendas, cuentos, poesías, novelas, teatro, diarios íntimos, cómics, mangas, libros ilustrados, ensayos desde el momento en que están “escritos”), brinda un soporte muy notable para despertar la interioridad, poner en movimiento el pensamiento, reanimar la actividad de simbolización y construcción de sentido, y también incita a compartir experiencias inéditas. (2011, p. 6).

Tendo em vista este entendimento de mediação leitora em contextos difíceis, avancemos para a descrição de uma prática de abordagem metodológica de leitura voltada especificamente a pessoas em situação de migração e refúgio, desenvolvida a partir da obra *O apanhador de acalantos*, de Beatriz Pereira Rodrigues, ilustrada por Gabriela Martins Peixoto, publicada em 2020.

1.2 – O acalanto da literatura: uma abordagem de *O apanhador de acalantos*

Pensar na promoção da leitura nos espaços sociais é algo desafiador, principalmente por vivenciarmos tempos difíceis nos quais a leitura muitas das vezes se torna um acalanto para dirimir as perdas, as distâncias, a frieza estabelecida no processo de convivência com si e com os outros. Diante desse universo tão sinuoso e de conflitos, trazemos como possibilidade de

leitura a obra *O apanhador de Acalantos*, escrita por Beatriz Pereira Rodrigues e ilustrada por Gabriela Martins Peixoto, que nos apresenta a sensibilidade, o olhar para o outro, além de vislumbrar temas como o luto pela família, luto pela terra e pela cultura, os quais se encontram intrinsecamente relacionados à situação migratória.

Nesse ínterim, sinalizamos o mediador de leitura como sendo um dos promotores essenciais para dirimir o contato do texto literário para as pessoas em situação de refúgio ou migração, uma oportunidade que se situa como um processo de resistência aos momentos insólitos como nos diz Petit (2009, p. 284).

[...] cada livro lido é uma morada que o leitor toma emprestada, na qual se sente protegido, pode sonhar com outros futuros, elaborar distâncias, mudar de pontos de vista. Além do caráter envolvente, protetor, habitável da leitura; o que se faz possível em certas condições é uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração simbólica da experiência vivida.

A obra *Apanhador de Acalantos* traz como bojo para discussão o sentimento de solidão, empatia versus apatia, saudades, lembranças, adaptação a novas realidades, assim como resiliência diante de mudanças, e acaba por contemplar a realidade do público para qual é voltada nossa proposta, uma vez que a discussão suscita questões pertinentes ao contexto cultural e social pelo qual essas pessoas vivenciam. Elas deixam seu habitat, sua realidade, seus parentes e passam a ser obrigados a viverem uma nova realidade. Entendemos que oportunidades como essa se tornam um ponto de reflexão a respeito da condição humana, um alento para as aflições geradas pelas situações opressivas que muitos povos são submetidos.

A esse respeito, compartilhamos com as ideias de Petit (2009, p. 93) para quem, em situações de crise, a leitura é “uma via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético entre a sua mãe e ela, “trabalha” por meio do jogo a separação, se restabelece, e se emancipa. E isso em todas as idades”.

Nesse aspecto, o texto literário é uma forma de despertar o leitor de seu estágio de opressão por possibilitar a visitação a caminhos longínquos, mesmo que estejamos oprimidos ou enclausurado, aprisionados em locais contra nossa vontade, ela possibilita saímos de nós para outros locais, mundos e vivências.

[...] esses lugares longínquos encontrados dentro de nós quando lemos, esse mundo interior cujos contornos aprendemos a desenhar no decorrer das páginas que folheamos [...] quanto mais formos capazes de nomear aquilo que vivemos, mais prontos estaremos para vivê-lo e aptos para mudá-lo. (PETIT, 2002, p. 5)



A literatura nos possibilita dialogar com o nosso mundo e o mundo do outro, como podemos verificar no discurso de Candido (1995, p. 249), quando informa que a literatura humaniza o homem por atuar na formação do sujeito e no processo de humanização por ser.

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Diante dessa compreensão, sugerimos como ponto de partida, para introdução da leitura *Apanhador de Acalantos* nos espaços de acolhimento e abrigo, uma proposta de leitura que possibilita a esse público em certa medida um encontro com o abrigo seguro que tanto buscam e um pouco de humanidade.

Essa obra é construída a partir da perspectiva de um narrador-personagem. A menina que está envolvida na trama apresenta-se na história como narradora e protagonista. Nesse sentido, temos como traço fundamental a utilização do foco narrativo narrador-protagonista (FRIEDMAN, 2002), procedimento que limita o leitor ao olhar da protagonista para os fatos apresentados. Nesse mergulho literário, a autora, ao iniciar a narrativa, convida o leitor a mergulhar na contemplação dos objetos e situações do cotidiano pelas quais passamos e não nos damos conta, devido à forma frenética como levamos a vida e deixamos de apreciar as singularidades. O nosso olhar muitas vezes se adapta ao óbvio e acabamos não percebendo as questões do dia a dia, razão pela qual não damos conta do que acontece ao nosso entorno.

A ilustradora do livro Gabriela Martins Peixoto nos presenteia com um cenário cheio de cores vibrantes, sabores e aromas da feira de uma cidadezinha interiorana, onde todos se conhecem. Esse espaço acaba sendo um local de encontro entre os conhecidos e, a partir do desencadear de várias cenas, vai sendo descortinada uma instigante reflexão sobre a velhice, conexão e solidão em nosso tempo.

De forma sensível, a história apresenta-nos a figura que o idoso assume na sociedade, um ser invisível aos olhos das pessoas mais jovens, situação potencializada por uma sociedade que superestima as relações virtuais e tem deixado para segundo plano as relações interpessoais, o que pode causar solidão e nos impedir de apreciar o outro, as ações cotidianas que acontecem e, muitas vezes, não nos damos conta das nuances que as circundam.

A solidão é algo nítido na história, exposta expressamente pela narradora-protagonista que procura tornar visível esse acontecimento quando apresenta ao leitor as memórias de um

idoso que busca interação social no âmbito de uma feira central. O apreciar das frutas que circulam esse espaço movimentado, as pessoas, a aproximação do outro é gestada a partir de diálogos estabelecidos entre o idoso e a menina que, atentamente, o escuta e passa a observar suas angústias, memórias de infância e dos tempos de outrora. A conversa é regida a partir de apontamentos que envolvem a cultura, a política local e as ações cotidianas; observa-se ainda a importância de rememorar fatos e vivências que vão sendo diluídas ao passar do tempo.

Feitas essas observações, como sugestão de abordagem, propomos a realização de uma leitura inicial em voz alta, com exploração, de forma sensível e atenta, das imagens do livro que aparecem em abundância, observando a recepção do público. Considerando que essa obra pode ter a recepção de leitores em contexto de migração e refúgio, é importante observar que a língua pode ser um empecilho para compreensão do texto, por isso a necessidade de se ter zelo de observar as singularidades do grupo, a exemplo do falar de forma eloquente, devagar, no intuito de perceber se está sendo compreensível aos leitores.

Após a finalização do momento da leitura, sugerimos a discussão da obra, incitando posicionamentos sobre o que foi lido, além de desenvolver, se oportuno, uma forma de entretenimento ao grupo um jogo de interação do texto literário com o leitor. Essa interação pode consistir, por exemplo, em o mediador de leitura trazer para os participantes um cartão com várias imagens das cenas da obra *O Apanhador de Acalantos* e formar cartelas diferenciadas a serem distribuídas entre os participantes, realizando sorteios para que eles marquem suas cartelas até chegar ao ganhador. É importante que esse processo seja desenvolvido com diálogos sobre a obra, com questionamentos capazes de suscitar no leitor as situações diversas vividas na trama.

Ao passo que proporcionamos esse momento de interação, criamos a oportunidade de instaurar espaços de fala, de favorecer diálogos que permitam compreender como a leitura penetrou (ou não) em suas vivências. Nesse percurso, vale instaurar questionamentos, tais como: O que vocês acharam da leitura? Essa leitura trouxe alguma recordação de vivências de período de sua vida? Quais lembranças conseguem rememorar no momento da leitura? Qual espaço social você recordou vendo a feirinha que se passa no espaço da história *Apanhador de Acalantos*? Você já se sentiu só, mesmo diante de muitas pessoas?

A partir desses questionamentos e de outros que poderão surgir durante o processo de compartilhamento da leitura, acreditamos que os participantes poderão trazer para a discussão questões particulares de situações que estão sendo vivenciadas, como dores e solidão ocasionadas pela perda ou separação de familiares, seu local de pertença, bem como

readaptação à nova forma de vida e a outras angústias que certamente estarão sendo ressuscitadas nas falas desses povos obrigados a vivenciarem situações tão adversas.

Em sequência à discussão instaurada no grupo, após a leitura da obra *O Apanhador de Acalantos*, é possível solicitar ainda que os leitores rememorem um trecho ou uma parte da obra que lhes chamou a atenção e relacionar a um momento da sua vida ou mesmo enfatizar o porquê de essa parte merecer destaque. Ao desenvolverem essa discussão, certamente virão à tona as vivências mais subjetivas e intensas de cada um deles.

Compreendemos que esse momento de partilha que o migrante/refugiado traz para o grupo é uma oportunidade de sensibilização, uma forma de suavizar suas angústias a partir da leitura. Quando o mediador de leitura proporciona o momento de compartilhamento da leitura como o que sugerimos, está oportunizando o leitor a vivenciar momentos ímpares, com vistas a suavizar suas dores, amenizar sofrimentos, e, sobretudo, possibilitar a expressão de seus sentimentos mais recônditos.

Após a etapa de leitura e exposição oral do que se leu, como atividades, há possibilidades de propor ações metodológicas capazes de promover a reflexão e a construção - coletiva e individual - de sentidos relacionados à obra lida. Tais ações podem ser assim sistematizadas.

Atividade 1: Trazer para o ciclo de leitura objetos que mostrem recordações de momentos de outrora, algo que faça o leitor reviver situações que foram significativas para suas vidas e, por conseguinte, possibilitar uma aproximação entre os pares, tornando os instantes iniciais uma oportunidade de aquecimento da leitura.

Atividade 2: Apresentar o livro *Apanhador de Acalantos* e começar a refletir as imagens da capa para que o leitor comece a realizar inferências sobre a leitura, deduzir do que se trata a temática ali abordada, a partir desses aspectos e do próprio título da história.

Atividade 3: Após realizada a leitura, propiciar aos participantes diálogos sobre questões como: se eles já se sentiram sozinhos, mesmo em espaços rodeados por tantas pessoas; quais os momentos de solidão que os angustiam. Para instigar essa etapa, pode ser apresentado o seguinte trecho da obra:

Estamos o tempo todo conectados, sabemos tudo uns dos outros, em tempo real (mesmo no isolamento de nossos quartos), mas perdemos muito do “olho no olho”, do abraço, do toque, do sorriso verdadeiro que emana felicidade. Aquele velhinho, perdido num mundo tão diferente, e eu, perdida num mundo de indiferenças! Éramos cúmplices! (RODRIGUES, 2021, p.11).

Esse momento de conversa será significativo, pois teremos a oportunidade de trazer para a discussão questões que afloram e angustiam a alma ou seja, palavras de acalanto podem ser

partilhadas em meio as diversas situações que se confluem. Tal procedimento contribui para o mediador de leitura favorecer um espaço de liberdade para o sujeito leitor como assegura Rouxel (2012).

Atividade 4: Momento de apresentação de outros textos de gêneros diversos que estabeleçam relação com a temática. Como sugestão, recomendamos a apreciação da música “Paciência”, de Lenine, com vistas à reflexão sobre questões que aparecem na história e paralelos que podem se correlatar com a leitura base realizada.

Com efeito, a literatura pode muito, como assevera Todorov (2009), porque possibilita compreender melhor o mundo que nos cerca. Ampliando esse posicionamento, Colomer (2007, p. 27) afirma que “o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura”.

A abordagem aqui apresentada decorre, em síntese, da percepção de que a literatura é meio capaz de promover encontro e acolhimento. No caso específico, buscamos como formadores de leitores e mediadores de leitura caminhos capazes de nos conduzir a um trabalho de acolhimento, apresentando o texto literário como espaço de acolhida, uma possibilidade de reconstrução da identidade e de enfrentamento do novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que em muitos casos, em especial, em situação de migração/ refúgio o ser humano se sente sozinho, tolhido de seus direitos e em várias ocasiões órfãos, por estar em uma terra distante, com costumes e linguagens que difere de seu contexto cultural. Desenvolver práticas de leitura é uma forma de ajudar os refugiados a pensar sobre sua situação como ser humano, refletir sobre o eu, a busca do autoconhecimento para pensar-se no âmbito da convivência coletiva, o ego, ensinamentos de convivência em sociedade. A leitura literária é fundamental para o desenvolvimento humano, a cidadania, trazer para o contexto as realidades plurais.

No contexto em discussão, a narrativa *O apanhador de Acalantos* revela-se por sua pertinência, ao retratar temas que perfazem realidades afetas a situações de crise, a exemplo das de migração/refúgio, incitando a nossa percepção acerca de vivências relativas à violação de direitos, como a diluição da família com o passar do tempo, o medo e o desconforto nas interações sociais ou mesmo a precarização das condições de vida, de um modo geral.



A experiência aqui relatada, longe de apresentar-se como fórmula única e pronta que dê conta de trabalhos com texto literário em contextos de migração e refúgio, propõe-se a, de alguma forma, contribuir com novas discussões acerca de práticas metodológicas com textos literários em contextos difíceis. A nós, formadores de leitores, resta-nos acreditar que estamos trilhando um caminho que nos leva a considerarmos estar fazendo o melhor que podemos e sabemos: valer-se da literatura como meio de acolhimento.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, n. 53, p. 166-182, 2002.

INÁCIO, Francilda Araújo; FORMIGA, Girlene Marques. “Os homens libertam-se em comunhão”: a mediação da leitura literária em contexto de migração e refúgio. *In Mestres do amanhã*: fazedores do futuro. (Orgs) Janaina Marques de Abreu, Paulo Roberto Padilha. São Paulo: Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire, 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. Leer y hacer uso de una biblioteca escolar: ¿y eso, para qué sirve hoy en día?. **Congreso de Bibliotecas en Tránsito**, Santiago de Compostela. 10, 11 y 12 de noviembre de 2011. Disponível em <https://xdoc.mx/documents/michele-petit--5f72b39c76a82>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público/ Michèle Petit; tradução de Celina Olga de Souza, São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. Transfigurar el horror en belleza *In Para leer en contextos adversos y otros espacios emergentes*, Secretaría de Cultura, Ciudad de México. p. 15-22, 2018.

PETIT, M. **Éloge de la lecture**. La construction de soi. Paris: Editions Belin, 2002.

RODRIGUES, Beatriz Pereira. **O Apanhador de Acalantos**. Itaú, 2021. Projeto ITAÚ – Leia para uma criança. Disponível em: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/o-apanhador-de-acalantos/>. Acesso em: 22 set. 2021.

ROUXEL, Annie; LANGLÁDE, Gérard; Rezende, Neide Luzia de. **Leitura Subjetiva e ensino de Literatura**; (Org) Annie Rouxel e Gérard Langlade; coordenação de edição brasileira Neide Luzia Rezende, São Paulo, Alameda, 2012.



TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.